

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

De olho em placar na Câmara, dólar sobe para R\$ 5,55

Ao longo do dia, moeda bateu em R\$ 5,70, refletindo expectativa com votação de veto a novos reajustes; bolsa também oscilou

Simone Cavalcanti
Aline Bronzati
Luís Eduardo Leal

O receio de que o governo tivesse de bancar até R\$ 120 bilhões com novos reajustes a parte dos servidores públicos, em um momento fiscal já considerado delicado por economistas, deu o tom ontem no mercado financeiro.

O dólar chegou perto dos R\$ 5,70, enquanto o Ibovespa passou parte do dia abaixo dos 99 mil pontos. Uma melhora veio no período da tarde, após declarações do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afa-

vor do veto do presidente Jair Bolsonaro aos aumentos de salários, e da atuação Banco Central vendendo dólares no mercado à vista. No fim, ainda sem o desfecho da votação na Câmara, a moeda americana fechou a R\$ 5,55, uma alta de 0,40%, e o principal indicador da B3 subiu 0,61%, aos 101.467 pontos.

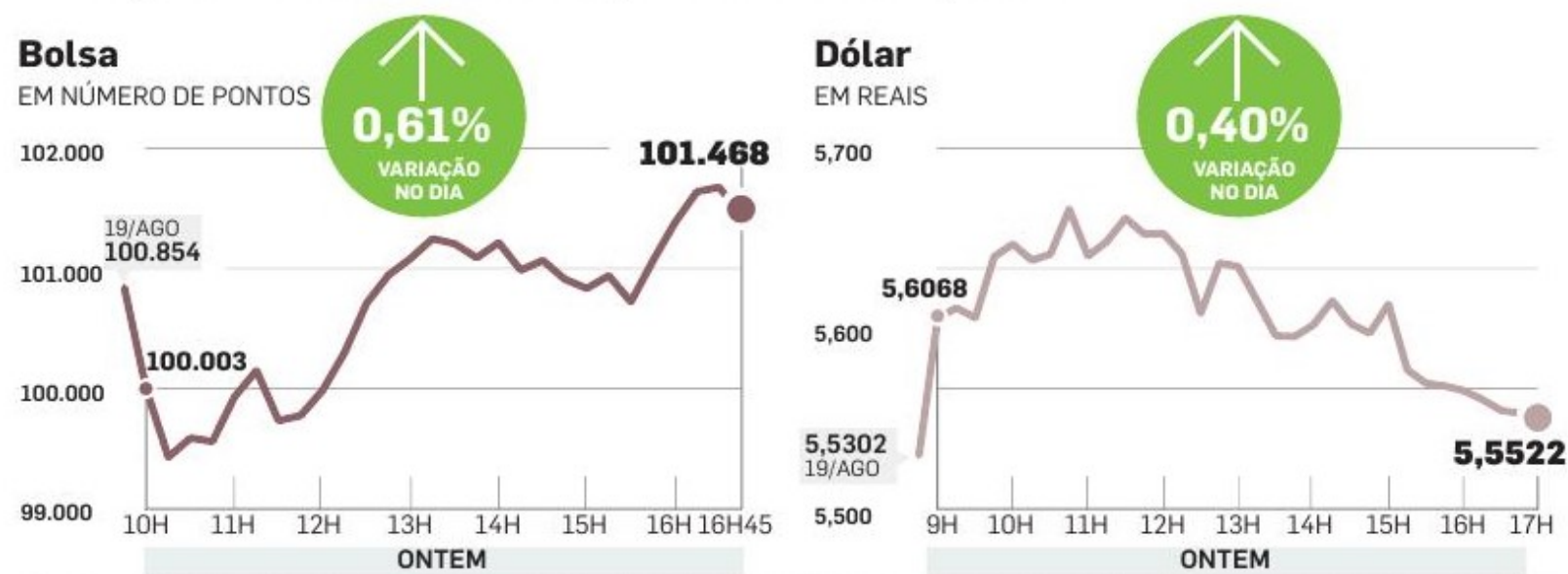
Diante da forte volatilidade do mercado, o BC teve de fazer dois leilões de dólares no montante total de US\$ 1,140 bilhão. Pela manhã, vendeu US\$ 590 milhões, com taxa de corte de R\$ 5,64. Já à tarde, foram US\$ 550 milhões, a uma taxa de R\$ 5,57. Na avaliação do estrategista-

chefe da Infinity Asset, Otávio Aidar, o ambiente internacional já é difícil e o Brasil ainda volta em temas que se imaginava superados. “O cenário internacional já vinha carregado pela ata da reunião do Fed (o banco central americano), que sinalizou atividade mais fraca. Isso já leva as moedas emergentes a sofrer, mas aí vem essa questão do veto, que não se viu de onde saiu, e o real segue sofrendo mais que seus pares.”

Para Fernando Bergallo, CEO e fundador da FB Capital, a situação atual é “muito crítica”. “Já tivemos 38% de depreciação do câmbio neste ano. É

SOBE E DESCE

● Evolução do mercado em dia de votação na Câmara dos Deputados



FONTE: BROADCAST

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

● **Movimento**
“O cenário internacional já vinha carregado pela ata do Fed, que sinalizou atividade mais fraca.”

Otávio Aidar
ESTRATEGISTA-CHEFE DA INFINITY ASSET

muito. Nesse patamar, o câmbio é muito mais prejudicial do que eventualmente um ponto positivo”, disse ele.

Crítica. Sócio da Tendências Consultoria Integrada e especialista no mercado de câmbio,

o economista Nathan Blanche criticou as intervenções feitas ontem pelo BC. Blanche – que diz defender intervenções para combater episódios de volatilidade da moeda – afirmou que desta vez a ação do BC serviu apenas para acobertar o que classificou como irresponsabilidade fiscal do Senado.

“É muito séria a intervenção do BC num mercado em que a moeda reflete os fundamentos de uma economia e sua capacidade, inclusive, de ter reservas em outra moeda”, afirmou Blanche. “O BC errou e o que ele está fazendo é atender a uma demanda de hedge futuro com a venda

de reservas no mercado à vista.”

O especialista alertou ainda para o risco de País entrar num ciclo de desequilíbrio fiscal. Neste sentido, segundo ele, em vez de baixar a febre, o BC está quebrando o termômetro. “Sou sempre a favor de o BC interferir, mas por conta de volatilidade como fizeram Gustavo Franco e Henrique Meirelles, que visaram a combater os efeitos da irresponsabilidade de outros países. Agora, está refletindo a nossa irresponsabilidade, por conta do relaxamento do equilíbrio fiscal”, disse Blanche. / COLABOROU FRANCISCO CARLOS DE ASSIS

Arrecadação registra pior julho desde 2009

Eduardo Rodrigues / BRASÍLIA

A arrecadação de impostos e contribuições federais somou R\$ 116 bilhões em julho, o pior resultado para o mês desde 2009, de acordo com dados divulgados ontem pela Receita Federal. O mês marcou o fim do adiamento da cobrança de alguns tributos, mas em compensação as empresas turbinaram o uso de créditos para abater os

valores devidos ao Fisco.

O resultado de julho representou um recuo real (descontada a inflação) de 17,7% em relação ao mesmo mês de 2019. Mas os dados da Receita indicam também uma desaceleração do ritmo de queda, depois que o volume de impostos recolhidos pelo governo chegou a despençar 32,9% em maio.

O tombo menor em julho refletiu a melhora de parte dos in-

dicadores econômicos que tem impacto na arrecadação de tributos, como a produção industrial e as vendas de bens e serviços. Os dados seguem negativos, mas o ritmo de retração da atividade reduziu em relação aos meses anteriores.

“Apesar de queda ante 2019, a trajetória é de recuperação na indústria e no comércio”, avaliou o chefe do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros

da Receita Federal, Claudemir Malaquias.

O resultado de julho voltou a incorporar parte da cobrança de impostos que foi adiada (ou diferida, no jargão do Fisco) para suavizar o fluxo de caixa das empresas afetadas pelos efeitos econômicos do novo coronavírus. Por outro lado, as companhias aumentaram em 95,8% o montante de compensações tributárias em julho, chegando

a R\$ 18,7 bilhões, ante R\$ 9,5 bilhões no mesmo mês do ano passado. “Sempre que as empresas precisam manter recursos em caixa, elas lançam mão desse direito. Além disso, como houve diferimento do pagamento de alguns impostos no auge da pandemia, as empresas estão lançando as compensações só agora”, completou Malaquias.

O resultado de julho ainda foi afetado em R\$ 2,351 bilhões com a desoneração temporária do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) que incide so-

bre operações de crédito. A medida foi anunciada no começo de abril por 90 dias e renovada por mais 90 dias em julho.

“Julho é um mês em que, sazonalmente, ocorre aumento, mas o problema de arrecadação mostra-se contínuo”, comentou o economista-chefe da Infinity Asset, Jason Vieira.

No acumulado do ano até julho, a arrecadação federal somou R\$ 782 bilhões. O montante representa um recuo real de 15,1% na comparação com igual período do ano passado. COLABOROU EDUARDO LAGUNA



SUMMIT EDUCAÇÃO BRASIL 2020



Acesse e inscreva-se

PAINEL O desafio da volta às aulas nas redes públicas

Como manter o distanciamento social e buscar os alunos que se evadiram, além do novo plano de ensino para recuperar a aprendizagem, serão alguns dos temas discutidos.

PRESENCAS CONFIRMADAS

- Angela Dannemann**
Superintendente do Itaú Social
- Fred Amancio**
Secretário de Educação e Esportes de Pernambuco
- Priscila Cruz**
Presidente executiva do Todos Pela Educação
- Rossieli Soares**
Secretário de Educação do Estado de São Paulo
- Vitor de Angelo**
Secretário de Estado da Educação do Espírito Santo

Mediação: Renata Cafardo

Realização

Patrocínio

